

1.

Introdução

A partir de uma vivência de quatro anos na ONG Casa da Árvore, o interesse por investigar certas questões específicas sobre as crianças que frequentam o projeto foi despertado. A realidade das favelas do Rio de Janeiro é de um enorme desamparo social e de muita violência. Um ambiente dominado pelo tráfico, que presencia diariamente a guerra e os conflitos pelo poder e pontos de venda de drogas. Sabe-se que quem sofre primeiramente as consequências deste cenário são os moradores das comunidades, são eles que vivem sob o medo e o terror que é gerado.

No entanto, no dia-a-dia do projeto, notamos que, apesar do ambiente adverso, as crianças que nos procuram são criativas, brincam e possuem uma grande capacidade de elaborar e simbolizar. Ao contrário do que muito se acreditava, mesmo diante de toda a violência contida no ambiente, existe vida e saúde coexistindo com o medo e o terror.

Diante desta realidade e inserida no trabalho da Casa da Árvore há bastante tempo, surgiu fortemente o interesse em pesquisar como se constitui um sujeito dentro deste ambiente que acabamos de contextualizar. Nosso objetivo é o de investigar as condições de subjetivação da infância que vive em situações difíceis e cercadas por muita violência e instabilidade.

A Casa da Árvore é um projeto de psicanálise com crianças, realizado em algumas favelas do Rio de Janeiro. O trabalho é uma adaptação do modelo da Maison Verte fundada por Françoise Dolto na França em 1979 e teve início em 2001 com intuito de ampliar o campo de intervenção psicanalítica.

Trata-se de um espaço que acolhe pais, responsáveis e crianças de 0 a 12 anos que desejam conversar e brincar, onde as crianças fazem amigos e estão entre pessoas diferentes do seu meio familiar. É oferecido um ambiente onde se incentiva que os pais falem sobre suas crianças na presença das mesmas, dando a possibilidade delas se reconhecerem em sua própria história e de esclarecerem as situações de conflito.

Como dissemos, a Casa da Árvore é uma adaptação do modelo da Maison Verte para algumas comunidades carentes. Atualmente, o projeto se difere bastante do modelo original e um dos principais motivos é o ambiente em que está

inserido. Não atuamos apenas em um país e uma cultura diferente, atuamos mais especificamente em favelas. Neste sentido, nos deparamos com um público que possui uma história muito distinta e os profissionais vivenciam situações de outra ordem no dia-a-dia do trabalho.

Usufruindo de todo um aporte teórico construído pela psicanálise sobre a constituição do sujeito e sobre a infância sobrevivente de guerras ou vítima do holocausto, buscamos desenvolver um estudo que tem como objetivo discutir e analisar o impacto de uma situação de violência constante como a que atinge as crianças das comunidades carentes e suas famílias.

Indo mais além, acreditamos que diante do olhar existente na atualidade sobre a infância e a realidade nas favelas, uma análise mais sensível sobre as construções subjetivas e sobre essas crianças é muito importante. Uma investigação psicanalítica mais atenta sobre as possibilidades de subjetivação dentro deste ambiente talvez possa despertar novas reflexões.

É importante ressaltar que retratamos apenas a realidade e casos de crianças que freqüentam a Casa da Árvore do morro do Turano e do Chapéu Mangueira, não podemos nesta pesquisa apontar e tratar da situação da infância das favelas como um todo. Além disso, as considerações que são feitas sobre as estratégias de subjetivação observadas dizem respeito a uma maioria, mas, novamente, não é possível considerá-las como sendo apresentadas por todas as crianças que participam da ONG. Também é preciso apontar que apresentamos a comunidade e sua realidade a partir do discurso das crianças e dos casos vividos no projeto e optamos por não fazer uso de outra bibliografia além da psicanalítica.

Diante de toda a violência e do cenário de guerra que rodeia a vida dos moradores das favelas, com o objetivo de investigar a constituição psíquica neste ambiente, fez-se necessário um estudo consistente sobre o trauma e suas consequências. Neste sentido, no primeiro capítulo desta pesquisa, trabalhamos a noção de trauma e seu potencial estruturante e desestruturante. Introduzimos o capítulo com as teorizações de Freud sobre a questão do trauma e, em seguida, recorremos a Sándor Ferenczi e D. W. Winnicott para pensar sobre os fatores estruturantes e desestruturantes do mesmo.

No capítulo seguinte, analisamos a função anti-traumática que a comunidade e que as relações ali existentes possuem. Teorizamos sobre as

relações interpessoais dentro destas comunidades e como se apresentam de forma extremamente importante. Verificamos que, nas comunidades do Rio de Janeiro, mães e cuidadores precisam, muitas vezes pela própria demanda laboral, deixar suas funções precocemente, e que quando isto ocorre há uma atuação diferenciada da população que vive nas favelas. Os arranjos familiares se caracterizam de maneira muito particular, o que talvez ocorra, como apontamos, pelo próprio potencial traumatizante que estas comunidades possuem ou, até mesmo, pelos limites físicos quase inexistentes.

Desta forma, acreditamos que seria importante investigar o possível cumprimento de uma função anti-traumática por parte da comunidade e das relações entre os moradores. Atuariam como uma extensão do papel cumprido pela mãe ou pelo seu substituto? A comunidade da favela continuaria a dar o suporte que foi fornecido primariamente pela mãe, e desta forma possibilitaria a elaboração e amenizaria os efeitos do potencial traumático da situação em que vivem? Seria possível pensar nesta comunidade como uma “comunidade holding” que fornece a sustentação necessária?

No entanto, sem deixar de lado as questões colocadas anteriormente, é preciso reconhecer que o ambiente da favela é extremamente difícil para se viver. Uma característica apresentada pelas crianças, que merece atenção, é uma maturidade aparentemente precoce para suas idades. Responsabilidades e preocupações características de adultos aparecem no seu dia-a-dia e em sua realidade. Neste sentido, no terceiro capítulo, tentamos responder algumas questões que surgiram ao longo da pesquisa: Que consequências há para a infância viver diante de uma violência tão excessiva? Que perdas a exigência de um amadurecimento precoce acarretaria à infância? Será esta uma possibilidade de existência, de vida, em um ambiente dominado pelo medo e pelo risco? Foi tentando responder tais questões que desenvolvemos nosso terceiro capítulo sobre a maturidade precoce e a possibilidade de existência.

As principais questões deste estudo se relacionam às condições de subjetivação possíveis em um ambiente violento e hostil. No entanto, há a preocupação de não incorrer no erro de afirmar que a vida na favela é necessariamente traumatizante ou que as famílias que ali se encontram não conseguem prover um “ambiente suficientemente bom” (Winnicott) para a

estruturação do psiquismo da criança. Da mesma forma, não se pretende retratar uma imagem romântica ou idealizada das comunidades apresentadas.

Neste sentido, uma reflexão sobre a importância do ambiente na constituição da subjetividade, sobre as funções anti-traumáticas (Elisa Maria de Ulhôa Cintra) do objeto primário e sobre a questão do trauma neste processo se faz necessária. Recorrerei assim, além dos textos de Sigmund Freud, a autores como Sándor Ferenczi, D. W. Winnicott e Michael Balint que dão, em sua teoria, uma atenção especial ao outro na constituição subjetiva.